

“O tempo rodou num instante”: Traçando paralelismos entre a epidemia de febre amarela (1896-1898) e a pandemia de covid-19 (2020)*

“Time rolled in an instant”: Drawing parallels between the yellow fever epidemic (1896-1898) and the covid-19 pandemic (2020)

FECHA DE RECEPCIÓN: NOVIEMBRE DE 2020; FECHA DE ACEPTACIÓN: JUNIO 2021

Marili Peres Junqueira ^a

Maísa Faleiros da Cunha ^b

Palavras-chave

Epidemias de varíola
Febre amarela
Gripe espanhola e covid-19
Jornais como fonte sócio-histórica
Brasil
Final do século XIX
1918 e 2020

Resumo

O presente artigo é resultado de uma análise das epidemias de varíola, febre amarela e gripe espanhola entre o final do século XIX e início do XX e da pandemia de covid-19 no ano de 2020 no Brasil. As ocorrências e os efeitos entre elas guardam muitos paralelismos e evidenciam os impactos socioeconômicos advindos de deslocamentos populacionais. Buscou-se o entendimento da construção do conhecimento que se faz sobre as epidemias e as pandemias e suas repercussões na sociedade. As fontes documentais utilizadas serão os jornais impressos publicados em uma cidade fortemente afetada pelas epidemias, São Carlos no interior de São Paulo, no final do século XIX e alguns jornais virtuais publicados em 2020. Observa-se que muitas questões são extremamente semelhantes como o isolamento entre as pessoas e o uso de máscaras, bem como a incerteza que cercava e cerca as doenças epidêmicas enfrentadas pela população em movimento.

* O presente texto é parte de uma pesquisa pós doutoral intitulada “Desvelando letras e números: Imigração, Saúde Pública e Periódicos no final do século XIX no interior de São Paulo” desenvolvida junto ao Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” - Nepo, da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Brasil.

a Universidade Federal de Uberlândia-UFU e Universidade Estadual de Campinas -Unicamp. C.c.: marili.junqueira@gmail.com

b Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. C.c.: maisa13@unicamp.br



Keywords

Smallpox epidemics
 Yellow fever
 Spanish flu and covid-19
 Newspapers as a socio-historical source Brazil
 End of the 19th century
 1918 and 2020

Abstract

This paper is the result of an analysis of the smallpox, yellow fever and Spanish flu epidemics between the end of the 19th century and the beginning of the 20th and the covid-19 pandemic in the year 2020 in Brazil. The occurrences and the effects among them have many parallels and evidence the socioeconomic impacts arising from population displacements. We sought to understand the construction of knowledge about epidemics and pandemics and their repercussions on society. The documentary sources used will be printed newspapers published in a city heavily affected by epidemics, São Carlos in the interior of São Paulo State, in the late nineteenth century and some virtual newspapers published in 2020. It is observed that many issues are extremely similar, such as isolation between people and the use of masks, as well as the uncertainty that surrounded and surrounds the epidemic diseases faced by population movements.

INTRODUÇÃO

No momento em que escrevemos esse texto, meados do ano de 2020, não se sabe ao certo quais serão os reais impactos sociais, econômicos e políticos finais da pandemia¹ de covid-19, doença respiratória causada pelo coronavírus Sars-CoV-2. Estamos no olho do furacão, como se diz popularmente, com as primeiras turbulências sentidas no início do ano de 2020 e sem saber ao certo o que nos aguarda no próximo ano de 2021 e nem as dimensões verdadeiras do furacão. Quando refletimos sobre processos históricos e os deslocamentos populacionais, geralmente eles são encapsulados em um momento específico do desenvolvimento humano, com demarcações e obsolescências cravadas. Muitas músicas perpassam o nosso imaginário neste momento, sendo parte de uma delas a dar título ao presente texto. Referimo-nos precisamente à música *Roda Viva* de Chico Buarque.

Tem dias que a gente se sente	No nosso destino mandar	Roda moinho, roda pião
Como quem partiu ou morreu	Mas eis que chega a roda-viva	O tempo rodou num instante
A gente estancou de repente	E carrega o destino pra lá	Nas voltas do meu coração... [...]
Ou foi o mundo então que cresceu		(<i>Roda Viva</i> , composição: Chico Buarque, 1967).
A gente quer ter voz ativa	Roda mundo, roda gigante	

1 A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que a covid-19, causada pelo coronavírus Sars-CoV-2 como uma pandemia. Segundo a Organização, pandemia é a disseminação mundial de uma doença e o termo passa a ser usado quando uma epidemia, surto que afeta uma região, é amplamente disseminado e se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa (Schueler, 2020).

Embora a referência seja claramente ao momento histórico da Ditadura Civil-Militar no Brasil, não vemos como não resgatar esta música para pensar os ciclos históricos que nos percebemos. As ocorrências e os desdobramentos dessa pandemia de covid-19 até o momento guardam muitos paralelismos com as epidemias como as de varíola, febre amarela e gripe espanhola no interior do Estado de São Paulo no final do século XIX. Algumas condições de vida e saúde noticiadas pelos meios de comunicação atualmente se tornaram por diversas ocasiões um forte *déjà vu* quando retrocedemos nosso olhar sobre as epidemias. Entretanto, algumas relações singulares por força do próprio tempo histórico e político inauguraram cooperações inéditas no campo científico, aqui referimo-nos especialmente ao compartilhamento de informações e ao desenvolvimento de estudos de forma globalizada sobre o Sars-CoV-2 e a covid-19.

Desta forma, a pandemia de covid-19 enfrentada no ano de 2020 e 2021 traz acontecimentos conhecidos e recorrentes de outras epidemias e, evidentemente, elementos novos. No presente texto, serão evidenciadas e analisadas semelhanças e oposições nas ações e representações sociais entre as epidemias do final do século XIX e de 1918 com a de covid-19 no ano de 2020.

O presente artigo foi gestado durante um outro projeto iniciado para se analisar apenas a epidemia de febre amarela no final do século XIX para a cidade de São Carlos, interior de São Paulo, Brasil. Esse projeto foi planejado bem antes de 2020, e buscava compreender os problemas sociais, a saúde pública, a urbanização, a epidemia de febre amarela e sua mortalidade modificados pela chegada dos imigrantes, principalmente aqueles italianos, a partir de sua repercussão na imprensa local da cidade. Mas logo no início das atividades, a pandemia de covid-19 alterou o cronograma de pesquisa pelas medidas de isolamento físico e, depois, tomou o foco da pesquisa anterior. Várias notícias alteraram constantemente o olhar sobre as epidemias, bem como deram mais ênfase para aproximações entre aquelas passadas e a atual, não apenas sobre a de febre amarela, ponto central do projeto, mas também da pandemia de Gripe Espanhola, a mais noticiada pelos grandes jornais pela semelhança nos impactos de mortalidade. As doenças elencadas (varíola, febre amarela, gripe espanhola e covid-19) são totalmente distintas em suas etiologias (causas e origens) e processos de infecção e de contaminação. Mas a preocupação de como a sociedade é afetada pelas epidemias e pandemias, e como é o comportamento social frente a elas, torna possível estabelecer como são as representações sociais, guardadas as devidas distinções.

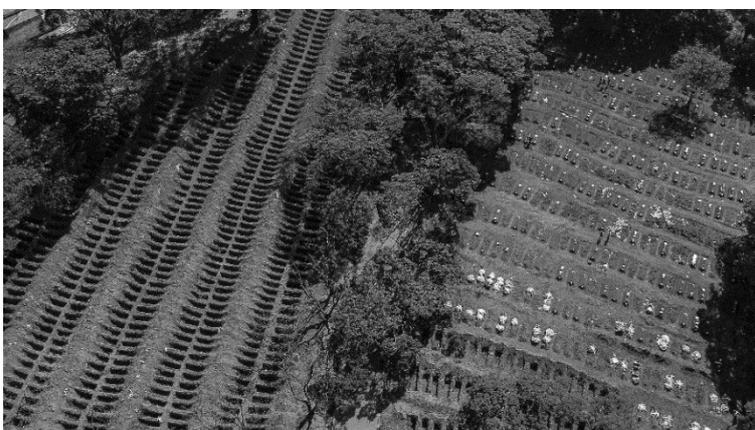
Em vista disso, o objetivo do presente artigo será uma tessitura narrativa contendo uma comparação possível entre relações epidêmicas verificadas no passado e as relações pandêmicas atuais no Brasil. Como fonte empírica, serão utilizados os jornais impressos e virtuais publicados em cada período de análise tendo em vista o espelhamento e a reverberação das mentalidades da sociedade que eles representam. As aproximações e o comparativo entre as epidemias se darão na relação dos impactos sociais e políticos, as modificações sociais urbanas, mobilidades populacionais e as relações de saúde que impactaram e alteraram a sociedade brasileira.

O presente texto foi escrito em meio a muitíssimas vidas perdidas. No Brasil em junho de 2021, quando o presente artigo seguiu para a sua publicação, nos aproximamos de

500 mil óbitos, mas está fadado ao seu tempo histórico como tantos escritos no calor dos acontecimentos e já que estamos longe de seu fim. A visão estampada nos jornais são as centenas de covas abertas nos cemitérios, como se pode verificar na imagem adiante. Têm-se um grande fluxo de informações, artigos científicos e jornalísticos, pesquisadores e cientistas que estão neste momento buscando a compreensão sobre essa pandemia de covid-19, suas correlações com outras epidemias, seus desdobramentos sociais, econômicos e políticos para todo o planeta.

Figura 1

Cemitério da Vila Formosa com valas preparadas para o sepultamento de vítimas da covid-19 em São Paulo



Fonte: Imagem Nelson Almeida/AFP (UOL: 2020).

Os jornais serão as fontes documentais empíricas principais para o entendimento de como foram as epidemias passadas e a atual pandemia, suas diferenças e suas proximidades. As fontes escritas são importantes, pois possibilitam um enquadramento histórico e uma reverberação do pensamento e, de certa forma, de uma parte do pensamento de uma sociedade. Evidentemente, deve-se considerar a postura e a posição política dos articulistas e dos jornais que os acolhem, ou seja, o questionamento das fontes é sempre necessário e imprescindível. Assim, os periódicos nos fornecem um bom retrato de como a sociedade recebe as informações, como estão sendo analisadas e como estão sendo difundidos os acontecimentos e os fatos. Outras fontes e a bibliografia pertinente serão utilizadas para apoiar as análises quando necessárias.

1. JORNAL COMO PONTO DE PARTIDA

A captação do cotidiano da sociedade em tempos de epidemias e de pandemia será mediada pelos periódicos, tanto do final do século XIX como no século XXI. Para McLuhan (1979: 231):

O jornal é uma forma confessional de grupo que induz à participação comunitária. Ele pode dar uma “coloração” aos acontecimentos, utilizando-os ou deixando de utilizá-los. Mas é a exposição comunitária diária de múltiplos itens em justaposição que confere ao jornal a sua complexa dimensão de interesse humano.

Em vista do exposto McLuhan, entende-se no presente artigo esta dimensão de interesse humano pelos jornais. Como não é possível a cobertura dos vários jornais, a seleção de alguns se fez necessária. Assim os jornais selecionados do final do século XIX publicados em São Carlos-SP foram: Tribuna de São Carlos; O S. Carlos do Pinhal; O São Carlos do Pinhal e A Opinião, pela disponibilidade do material histórico preservado de maneira adequada², suficiente e acessível para a corrente pesquisa. Depois para o ano de 2020 foram utilizados *El País*, *Corriere della Sera*³ e o *UOL Notícias*⁴, jornais de grande circulação e acesso gratuito. Particularmente, *El País* foi escolhido porque realizou, e assim permanece, com uma ampla cobertura sobre a pandemia de covid-19 com muitos jornalistas e correspondentes nacionais e internacionais. Deste modo, optou-se por uma representação da imprensa espanhola, por ter sido aquela que no início do século XX noticiou a epidemia de Influenza e recebeu a peja de “Gripe Espanhola” e uma representação da imprensa italiana, que também guarda uma memória afetiva com os imigrantes italianos fortemente afetados pela Febre Amarela. Outras tantas combinações poderiam ser realizadas, mas a proposição hora apresentada possibilita uma análise representativa entre o final do século XIX e o início do século XXI.

A utilização dos jornais como uma fonte primária de pesquisa é muito polêmica, como o são outras denominações ou noções como de documento, traço ou testemunho. Mas o jornal, em particular, é muito questionado tanto por possuir uma linha editorial, quanto por reverberar questões pessoais dos jornalistas, assim sendo caracterizado como parcial e tendencioso. Uma das mais notórias e buscadas características que os jornais utilizam é “imparcialidade”, exatamente por essas questões do viés do jornal e de seu articulista. Bem, essa questão deve ser relativizada, pois a partir da análise do pesquisador e entendendo o contexto histórico pode-se sim utilizar os jornais como fonte primária. O pesquisador deve estar obviamente atento a essas questões e pensar, dessa forma, a partir dos jornais e sua relação com a sociedade, ou seja, a dimensão de interesse humano. É necessário senso crítico por parte do pesquisador no uso de qualquer tipo de fonte, e para o jornal não é diferente, devem-se fazer questionamentos e críticas severas com relação a qualquer dado a ser utilizado.

2 Os jornais consultados para o presente artigo encontram-se preservados no acervo da Fundação Pró-Memória de São Carlos, a qual agradeço pela disponibilização do material da pesquisa e pela preservação cuidadosa e criteriosa do acervo.

3 Os jornais de maior circulação no Brasil possuem muitas notícias com acesso restrito, somente para assinantes. Assim, apesar da grande circulação jornais como *A Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* não foram utilizados.

4 Sites que contabilizam os acessos e a tiragem do *Corriere della Sera*, como sendo o primeiro jornal de maior circulação.

<https://www.statista.com/statistics/729663/top-daily-newspapers-italy/> - <https://www.brandtoday.it/2021/02/17/giornali-italiani-online-classifiche-1/>

O presente trabalho pactua com a estrutura analítica derivada da teoria de campo de Bourdieu (1997: 57):

Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças - há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço - que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças.

Desta forma, entende-se o campo jornalístico como um campo influenciador e de poder dentro da sociedade, mesmo tento em vista seu alto grau de heteronomia. A heteronomia está inter-relacionada às forças externas e aos mercados como colocado por Bourdieu. Pode-se depreender que os articulistas "enxergam" determinadas questões e não outras à sua maneira, as selecionam e as constroem dentro de seu campo de visão e da correlação de forças que são submetidas. A partir desse recorte estabelecido, pode-se analisar a influência que as notícias sofrem e as consequências que causam nos indivíduos. O recorte estabelecido pelos jornalistas e pelos jornais refletem a mentalidade da sociedade, bem como a intencionalidade de construção dessa mentalidade.

A disputa de poder que se estabelece no campo jornalístico é fundamental para a compreensão dos artigos e de sua posição de divulgação das notícias. Bourdieu dedicou boa parte de suas investigações para explicitar de que forma os indivíduos legitimam, reproduzem, organizam e transformam as estruturas sociais, e como essa dinâmica está embebida pelo poder. Com relação a isso, busca-se o entendimento de como as notícias sobre as epidemias e as pandemias reverberam sobre os indivíduos, suas representações sociais e sua relação com as estruturas sociais. A vinculação das notícias e a disseminação de mensagens por meio dos jornais geram uma reflexão sobre determinados aspectos e pontos de vista da realidade.

Para Bourdieu (2007: 162), "o espaço social [...] é uma representação abstrata, produzida mediante um trabalho específico de construção". Desta forma, os jornais, principalmente aqueles publicados no século XIX, são os documentos mais próximos do espaço social cotidiano para que se possa analisar como notícias construíram o que os indivíduos conheceram sobre as epidemias e suas repercussões. O mesmo se pode colocar sobre o que ocorre com as notícias nos jornais e artigos que constroem facetas do que se sabe sobre a pandemia de covid-19 no Brasil e no mundo. A divulgação de uma notícia de um jornal é importante nessa construção e nesse jogo de poder. Para saber o que irá se noticiar, ou "dar como furo jornalístico", é necessário saber o que o outro está noticiando, e assim têm-se um caminho aproximadamente semelhante entre os veículos de comunicação. É importante destacar que a própria popularização da ciência se deu por meio da imprensa (Bauer, 2009). Os debates e as disputas sobre a propagação da febre amarela estiveram presentes na imprensa paulista nos anos finais do século XIX e princípios do seguinte. Os jornais foram um importante meio de comunicação empregado pelos médicos para divulgarem as descobertas médicas (Lódola Góis Junior, 2015: 690).

Desta forma, o presente artigo, apesar da restrição de análise para alguns jornais

apenas, é útil para o entendimento da construção do conhecimento que se faz sobre as epidemias e suas repercussões na sociedade por meio deste veículo de comunicação que ainda tem influência e reverbera o pensamento de uma parte da sociedade. Parte da sociedade atual, utiliza outros meios de comunicação para o acesso à informação, mas isso não significa que parcela significativa da população deixou de utilizar os jornais, apenas que outras pesquisas com este foco nos novos meios de comunicação devem ser realizadas.

Os jornais são uma representação da realidade que absorvem o que ocorre na sociedade por meio dos articulistas e dos correspondentes, que reorganizam e devolvem em forma de artigos e matérias jornalistas. Assim, os meios de comunicação podem ser entendidos como estruturas estruturadas a partir de Bourdieu (1989) para reconhecer as estruturas estruturantes dessas sociedades, exercendo formas de dominação por meio da produção de discursos.

Outro recorte que será realizado é o foco nos jornais do final do século XIX publicados na cidade de São Carlos do Estado de São Paulo. A escolha de São Carlos do Pinhal, como era chamada até o ano de 1908, deu-se pela sua importância econômica no Oeste Cafeeiro e no estado de São Paulo, pelo recebimento de grande contingente de imigrantes, sendo assim uma típica cidade do interior no final do século XIX. Além da preservação e acesso às fontes primárias que estão preservadas na Fundação Pró-Memória da cidade. Em São Carlos, ocorreram duas doenças epidêmicas principais, a varíola e a febre amarela. A varíola apresentou-se como epidemia pela primeira vez em 1874, e a segunda em 1879; alguns casos de febre amarela foram registrados em fevereiro e março de 1892, mas as epidemias, propriamente ditas, ocorreram entre os anos de 1895 e 1898.

As epidemias de varíola e febre amarela foram as principais preocupações da cidade nos anos finais do século XIX, como se pode entender pelos relatos dos jornais, dos Relatórios ao governo e dos seus Almanques. Segundo o Recenseamento de 1890, São Carlos contava com 12.651 habitantes. Em 1907, o censo local apurou que a população da cidade era de 38.642 indivíduos (Truzzi Bassanezi, 2009: 198). Mais tardiamente, o Recenseamento de 1920 aponta que havia em São Carlos 54.225 habitantes. O aumento da população deve-se principalmente pelo grande fluxo imigratório na expansão cafeeira. Explicitado o uso da fonte documental e a busca pelas relações entre as diferentes epidemias e pandemia que atingiram e atingem o Brasil, abordar-se-á nos próximos itens as similitudes e distinções entre elas.

2. FUGINDO DA MORTE

O jornal *A Tribuna de São Carlos* de novembro de 1879 coloca que a epidemia de varíola afetou a circulação do próprio jornal. O refúgio durante momentos de incertezas e de medos é, e será sempre, uma constante pelo próprio instinto natural de preservação

da vida. Os editores dos jornais fugiram da cidade por medo de contrair a varíola pelo contato com as pessoas doentes.

A Tribuna. — Tivemos como causa para interromper a publicação do nosso jornal a epidemia da varíola que obrigou a retirarmo-nos desta vila.

Aquella primeira causa desapareceu, mas, bem a nosso pesar, uma outra veio ainda privar de cumprirmos com o nosso dever.

Assim é que havendo confiado a direcção da nossa officina ao sr. Francisco Querino Lessa Salman, este, sem

que nos prevenisse de modo a preberchermos o seu lugar, por um simples recado abandonou o seu posto creandono, temporariamente, serios embaraços.

Hoje reaparecendo a TRIBUNA e fideis aos compromissos que tomamos, e explicadas as causas, da nossa ausencia podimos desculpas aos nossos dignos assignantes pela falta involuntaria que commetemos, e estamos certos de que seremos attendidos.

Fonte: *A Tribuna de São Carlos*, 01 nov. 1879.

A nota relata que a interrupção do jornal se deu por dois motivos: a própria epidemia e a falta de direção, que embora tenha sido dada ao Sr. Francisco Querino Lessa Salman, pois Gonçalves já havia deixado a cidade, ele também abandonou o posto. Ernesto Luiz Gonçalves, redator e proprietário, pede desculpas e reitera o compromisso de publicação com os assinantes. Essa é a primeira notícia nos jornais sobre epidemia de varíola em 1879. Lembra-se que foram recuperados apenas dois números do jornal Tribuna de São Carlos para o ano de 1879, para tal fato duas questões podem ser levantadas, a de que não foi possível a preservação de mais números ou que os trabalhos foram muito afetados pela epidemia de varíola. A disseminação de informações e os embates de toda a natureza davam-se nos jornais, apesar do grande número de pessoas analfabetas⁵. Outra hipótese a ser levantada é que essa atitude poderia ser intencional da intendência, evitando acusações de má administração pública e fuga em massa da cidade. Mas o pânico a respeito da varíola, suas consequências e as marcas que deixavam nos sobreviventes da moléstia eram muito reais. Atualmente isso está muito distante do imaginário social com a erradicação da varíola e a declaração de sua extinção pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1980. A epidemia de varíola tornou-se grave em São Carlos nos meses finais de 1874 e nos anos de 1875, 1879 e 1892. Ósio (1991: 107) relata por meio das Atas e documentos da Câmara Municipal a situação da epidemia de varíola no final de 1874 e em 1875, como o pânico da população, a fuga de pessoas e refúgio delas em outras cidades ou locais livres da doença. Em uma carta da Câmara ao Presidente de Província João Theodoro Xavier de fevereiro de 1875, além de relatar que quase a totalidade da população ter abandonado o núcleo urbano retirando-se para a zona rural pelo terror da epidemia e pede auxílio financeiro para o enfrentamento, pois os cofres públicos encontram-se quase exauridos. Os únicos dados quantitativos são da epidemia de 1892, com 103 casos internados no Lazareto, destes 59 se curaram e 44 (43%) vieram a falecer entre maio e dezembro (Ósio, 1991: 114).

5 Existem relatos em outros artigos dos jornais do final do século XIX em São Carlos que as informações eram disseminadas em reuniões públicas, igrejas ou bares. Desta forma, percebe-se que as notícias poderiam chegar para não consumidores diretos dos jornais e analfabetos também.

Segundo o *Almanaque Anuario de S. Carlos* (Camargo, 1928), em dezembro de 1874, a varíola "grassou durante mezes, matando muitas pessoas e afugentando outras, de modo a tornar a villa quasi deserta". Braga também descreve o abandono da cidade durante a epidemia de 1874-1875.

Bem perto estava, porém, de soffrer o progresso da villa um poderoso golpe: em Dezembro de 1874 manifestou-se, importado do Rio Claro, um caso de variola, cujo contagio contaminou a muitos habitantes, tomando em 1875 o character de assustadora epidemia, que affastou daqui, pela morte ou pela transferencia de domicilio, quasi toda a população. Durante mezes, ficou a villa em quasi completo abandono. Só pode ter deste uma idéa quem conhece o pavor que ás populações do interior causava, e a muitos ainda causa, o apparecimento dessa molestia. (Almanach, 1894: XXVIII)

Segundo o próprio Braga, o retrocesso foi avassalador por anos, depois de cinco anos do término da epidemia é que a cidade voltou a crescer. A retomada veio com a expansão cafeeira, a inauguração da ferrovia que ligaria a cidade com o porto de Santos (1884) e o desenvolvimento das próprias lavouras de café foi muito expressivo. A ferrovia, além de contribuir para o desenvolvimento do mercado, estimulou indiretamente a urbanização, fez nascer cidades e matou outras (Costa, 1999: 255).

A pandemia de covid-19 trouxe um resgate histórico das epidemias na busca por algo semelhante e, talvez, algum alento no nosso passado. Em sete de junho de 2020, Ricardo Westin (Agência Senado) publica no *El País-Brasil* um resumo do início da epidemia de febre amarela no final do século XIX.

Na virada de 1849 para 1850, a tranquilidade que o Brasil vivia sob o reinado de dom Pedro II foi abalada pela chegada de um vírus devastador. Velho conhecido no exterior, mas novidade no país, o vírus da febre amarela pegou o Governo imperial de surpresa e avançou sem piedade sobre as grandes cidades do litoral, deixando um rastro de pânico e morte.

Documentos históricos guardados no Arquivo do Senado, em Brasília, mostram que, apesar da destruição que a doença produzia a olhos vistos no Império, houve políticos que negaram a realidade e procuraram minimizar a gravidade da epidemia.

Num discurso em abril de 1850, no Palácio Conde dos Arcos, a sede do Senado, no Rio de Janeiro, o senador e ex-ministro Bernardo Pereira de Vasconcellos (MG) garantiu que a doença não era assim tão perigosa e chegou a pôr em dúvida se seria mesmo a temida febre amarela:

- Eu estou convencido de que se tem apoderado da população do Rio de Janeiro um terror demasiado e que a epidemia não é tão danosa como se têm persuadido muitos. Talvez fosse mais conveniente que o Governo não tivesse criado lazaretos [hospitais de isolamento] e feito tanto escarcéu. Julgo até necessário que se institua um exame público a esse respeito, a fim de mostrar ao Brasil e ao mundo que não é a febre amarela o que reina hoje.

Apenas duas semanas após fazer esse discurso, o senador Vasconcellos morreu - justamente de febre amarela. (Westin, 2020).

O *Almanaque Anuario de S. Carlos* de 1928 descreve como foi para São Carlos as epidemias de febre amarela para a cidade.

A população, tomada de pavor ante o terrível morbus, fugia em massa para as fazendas e para outros municípios, abandonando a cidade que, silenciosa e triste, mais se assemelhava a uma vasta necrópole que a um centro populoso onde, d'antes, a vida estuava cheia de atractivos e de encantos. Um ou outro mais destemido ou mais aferrado ao seu canto, teimava em ficar, mas, não raro, pagava com a vida a sua teimosia. (Camargo, 1928).

Os jornais de São Carlos também noticiavam como foram afetadas as vidas das pessoas com as epidemias de febre amarela entre os anos de 1895 a 1898. Em 1896, epidemia de febre amarela em São Carlos afetou a publicação do jornal *O S. Carlos do Pinhal*, como fez a epidemia de varíola anos antes. O jornal publica uma nota explicativa que devido à epidemia, que afetava a vida das pessoas e com os estabelecimentos comerciais fechados, esse permanecerá a ser publicado com apenas duas páginas. O jornal antes da epidemia mantinha uma publicação de quatro páginas em três dias da semana (quarta-feira, sexta-feira e domingo). Mesmo com diferentes formas de infecção (varíola e febre amarela) as reações de medo e fuga repercutem em não publicação da *Tribuna de São Carlos* e do *O S. Carlos do Pinhal*.

Estando, devido á epidemia, fechada a maioria do comércio, e não havendo por isso a publicarem-se matérias de interesse particular, continuamos a dar a nossa folha apenas com 2 paginas.

Fonte: *O S. Carlos do Pinhal*. São Carlos, 20 mar. 1896.

O jornal no mesmo dia publica uma crônica extensa intitulada "Actualidades", na qual comenta o estado sanitário da cidade pela febre amarela com a narrativa de uma conversa entre amigos, um que permaneceu na cidade e outro que fugiu para a zona rural. Aquele que fugiu narra que contraiu "a febre do medo, de 60 graus", e que de fora é que se tem a dimensão da gravidade. Alerta a seu amigo que permaneceu na cidade para não confiar nos boletins dos médicos, que são falsos, e que a epidemia de febre amarela já matou muito mais que a de varíola. O companheiro que permaneceu na cidade coloca que está muito bem e "fresquinho como sorvete", e tais informações advém do medo do outro amigo, negando assim a epidemia. O amigo isolado retruca colocando que ele pode até ser medroso, mas muitos outros o acompanharam na fuga como comerciantes, barbeiros, médicos dentre outros profissionais. Assim continuam com o debate negando e afirmando sobre a epidemia. Percebe-se aqui uma tentativa de acreditar que a epidemia não existe, sempre um impulso de descrença do problema. Muitas vezes as autoridades públicas, em um primeiro momento, rejeitavam o risco epidemiológico e os surtos, mas depois com o aumento do número de casos, os discursos e as ações têm uma tendência em mudar e acreditar nos dados e na ciência. Atualmente, o negacionismo se apresenta descartando a ciência e os números apresentados no Brasil por uma parcela dos políticos e da sociedade civil. O Brasil não faz testagem em massa para a verificação real do número de infectados no território nacional, bem como muitas instituições de pesquisa estabelecem que o número de

óbitos por covid-19 pode ter subnotificações pelas testagens. A subnotificação dos boletins sanitários com o desconhecimento da real dimensão dos casos e dos óbitos no final do século XIX em São Carlos para a febre amarela também pode ter existido, mas possivelmente em decorrência principalmente da falta de assistência médica para os mais pobres.

Apresenta-se a seguir a crônica completa que termina com um lado cômico ao final, quando o companheiro que deixou a cidade fez com que a sua sogra permanecesse em uma rua próxima a um córrego, imaginando que ela adoeceria. Mas aquele que permaneceu na cidade informou que a epidemia estava controlada, e que não tiveram mais nenhum caso novo, e seis pessoas tiveram altas no dia anterior.

ACTUALIDADES

—Então, compadre, o que me diz da febre amarela?

—Qual febre amarela! O que tem havido é febre de medo, de 60 graus.

--Medo? Você é que não sabe, não sahiu daqui... Nos sitios as notícias são pavorosas!

—E voce sahiu?

—Que duvida! estou no sitio com toda familia. Vim aqui agora enquanto o sol está de fóra, buscar umas camisas que a mulher esqueceu e já estou de volta.

—Pois eu não sahi daqui e estou fresquinho como um sorvete. Então, o que dizem lá pelos sitios?

—Lá? lá é que se sabe de tudo tintim por tintim. Parece até um milagre! De manhã cedinho, sem apparecer ninguém de fora na fazenda, tem-se noticias de todos os casos verificados e de todos os obitos! Olha, compadre, não se fie nos boletins dos medicos... aquillo nunca foi a expressão da verdade. Posso te garantir que tem morrido aqui gente que nunca morreu nem na occasião das bexigas!

—Ah! disto eu estou muito certo. Você é um medroso, compadre.

—Posso ser, mas ao menos ha muita gente boa que me acompanhou: negociantes, barbeiros, medicos, etc., etc.

—Qual! a questão é que voce arranjou bons commodos lá pelo sitio...

—Bons commodos? Deus te livre delles. Estamos lá amontoados em um quartinho que mal comporta as purgas que tem, como sardinhas em lata, e o dono da casa conserva invariavelmente uma cara de despachar hospedes. Vive sempre resmungando: «Maldita epidemia»

—E voce ainda continúa lá? Olha, compadre, palavra de honra! eu preferia mil vezes morrer de febre amarela.

—Está tolo! eu tenho um medo de morrer que me pélo! Depois, eu nunca me confessei e nem confesso porque tenho medo do vigario contar á sua comadre umas tantas diabruras que tenho feito... Então, voce acha mesmo que epidemia não passa disso?

--Se acho! Ainda ante hontem tiveram altas 6 doentes e não se verificou nem um caso novo.

—Ora que noticia má voce está me dando.

—Como assim? pois voce desajava que a epidemia augmentasse. Não acaba de dizer que está mal accommodado lá no sitio?

—E' por outro motivo de muito mais importancia. Eu lhe conto. Minha sogra quiz fugir e eu aconselhei a que não fizesse tal, que não era preciso e que eu ia mais por negocio do que por medo. Arranjei para ella uma casa boa... na rua do General Osorio e contava certo que ella não escapasse desta vez.

—Pois, olha, se ella estava na rua General Osorio e escapou, então voce tem sogra para o resto da vida.

—Sempre sou muito culpóra! Mas Deus é grande e não desampara os infelizes! Ainda ha de vir outra...

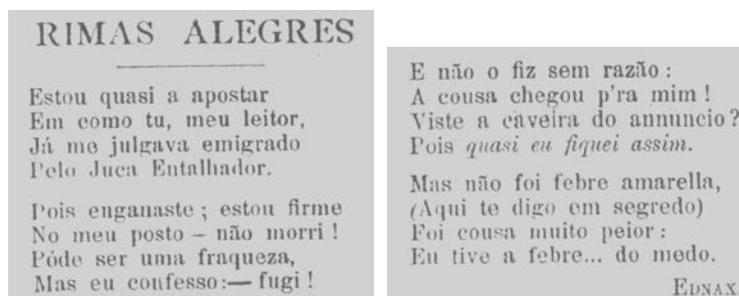
—Para longe o agoiro.

—Está bom, compadre, a mulher está afflicta pelas camisas. Até a volta.

—Até um dia. Não morra de medo, que do febre não ha perigo.

Fonte: O S. Carlos do Pinhal, São Carlos, 20 mar. 1896.

O humor não faltava, como não falta até os dias de hoje, ao brasileiro sobre as epidemias, ou sobre qualquer problema enfrentado pela população. O humor é uma forma legítima de cobrança política e social. Um dos jornais de São Carlos, *O São Carlos do Pinhal*, publicava quadrinhas de humor sobre diversos temas da cidade com a assinatura de Ednax. Essa assinatura deveria ser o pseudônimo criado a partir da inversão, frequente na época, do sobrenome de Antonio Xande, diretor do *O São Carlos do Pinhal* - 1896, do *Diário de São Carlos*, e do *Cidade de S. Carlos*, ambos de 1897. Em uma de suas quadrinhas de humor publicava sobre a sua própria fuga para não morrer de febre amarela, mas ele pegou foi doença pior como ele declarou - "febre do medo", mesma doença da crônica analisada anteriormente do jornal *O S. Carlos do Pinhal*. A referida "nova" doença então se torna uma analogia e um humor recorrente ligado à fuga das pessoas pelo medo da morte.



Fonte: *O S. Carlos do Pinhal*. São Carlos, 18 abr. 1896.

Em Campinas, Bassanezi e Cunha descrevem como foi a saída da população durante alguns surtos epidêmicos de febre amarela e de gripe espanhola.

As epidemias de febre amarela dos anos 1890 e as de gripe de 1918 e 1919 fizeram menos vítimas entre as camadas mais ricas da população e nas áreas rurais. As pessoas mais abastadas tinham maior oportunidade não só de melhor atendimento à saúde e tratamento médico, mas também de abandonarem a cidade nos momentos epidêmicos, isolando-se em outros locais. Notícias dão conta de que, na epidemia de febre amarela de 1889, mais da metade da população saiu da cidade em direção às fazendas, a Valinhos (onde o clima era mais frio, dificultando a proliferação do mosquito transmissor) ou em direção a outros municípios. (Bassanezi, Cunha, 2019: 8-9).

Duas questões destacadas pelas pesquisadoras que são importantes, o abandono da cidade durante as epidemias e que isso não garantiria de fato um isolamento na doença, pois para o abastecimento das fazendas era necessário o retorno aos centros urbanos e com isso a contaminação poderia existir. Outra questão é a desigualdade no enfrentamento das doenças pelos diversos estratos sociais, haja vista que as camadas mais abastadas têm condições de pagar um tratamento médico e tomar medidas preventivas, como isolamento e refúgio na zona rural. Estas questões são fundamentais para se pensar nas epidemias e seus impactos sociais e econômicos, tanto nessas epidemias pesquisadas por Bassanezi e Cunha como também será analisado posteriormente na pandemia de covid-19.

As reações dos Estados e das populações podem ser comparadas, mas é necessário ter noção da questão ideológica que se mantém e das divergências entre liberalismo, tradicionalismo e conservadorismo. Cada uma destas ideologias deu origem a respostas diferentes às epidemias. De acordo com Ackerknecht (1948), o século XIX viu surgir uma nova geração de cientistas europeus que negaram o contágio das doenças baseando-se na ineficácia das quarentenas e dos cordões sanitários (especialmente durante a epidemia de cólera de 1832). Imbuídos do espírito liberal da época, os cientistas defensores do anticontagionismo lutaram pela liberdade do indivíduo e do comércio.

Verificou-se assim, numa clara associação entre teorias anticontágio e interesses comerciais, que os governos do norte da Europa, mais liberais e progressistas, avançaram com políticas higienistas, abolindo quarentenas e cordões sanitários, enquanto os do sul da Europa, mais conservadores, mantiveram as práticas correspondentes à teoria do contágio. A posição dos países do norte da Europa enquadra-se nos aspetos positivos da teoria anticontágio descritos por Ackerknecht (1948) e que deram origem a grandes operações sanitárias dirigidas especificamente contra a *sujidade*, as quais acabaram por ter resultados bastante eficazes na prevenção das subseqüentes epidemias do que as medidas restritivas aplicadas pelos estados do sul da Europa.

Como bem sintetizam Lódola e Góis Junior (2015: 688)

O século XIX representou o domínio das teorias miasmáticas sobre as teorias do contágio. Segundo Erwin Ackerknecht (1948), os combates entre os contagionistas e os adeptos dos miasmas, os anticontagionistas, guardavam consigo não somente as diferenciações teóricas entre uns e outros, mas também as oposições ideológicas e políticas que essas correntes representavam. Os contagionistas proclamavam uma medicina mais conservadora com a defesa do isolamento, e os anticontagionistas, ao contrário, eram liberais que defendiam a higienização.

Destaca-se aqui uma aproximação importante - isolamento, medo e fuga. Como visto, os cordões de isolamento e a quarentena são práticas há muito empregadas para a contenção de doenças (Ackerknecht, 1948). Agora no século XXI, a fuga, a quarentena, o distanciamento social e o *lockdown*⁶ foram novamente utilizados como tentativas para frear a disseminação do novo vírus Sars-CoV-2 e não colapsar os hospitais e o sistema de saúde.

Bassets descreve assim o processo de quarentena no final de março de 2020:

O planeta, para um extraterrestre que aterrissasse nos últimos dias, ofereceria uma imagem estranha, entre aprazível e inquietante. Mais de um terço da humanidade está em casa, privada da liberdade de ir e vir, algo tão essencial e que todos nós damos como garantido. As ruas vazias, como as estradas sem carros. Os céus claros, sem aviões. As fronteiras, fechadas. (Bassets, 2020)

6 *Lockdown* - palavra introduzida do inglês cujo significado na pandemia de 2020 foi a proibição da circulação das pessoas pela cidade. A China inclusive monitorava pelo deslocamento do celular como estava o deslocamento das pessoas. Mais tarde outros países fizeram o mesmo monitoramento para verificar a eficácia das medidas de quarentena empregadas, estabelecendo inclusive um patamar desejado de 70% de não circulação para a contenção da disseminação do vírus Sars-CoV-2.

São vários os artigos jornalísticos sobre a pandemia e as restrições impostas para a sua contenção pelos governos. Inclusive uma clara divisão entre os que acreditam nessas restrições e as buscam para salvar suas vidas, e aqueles que as negam, acreditando que o vírus é inevitável, a vida deveria continuar, pois a economia não pode parar e conclamando para a abertura dos negócios privados e das instituições públicas.

A crise sanitária e social provocada pela pandemia do coronavírus não tem precedentes na história moderna. A covid-19 já deixou mais de 35.000 mortos em todo o mundo. E a ameaça para a saúde pública levou um bom número de países a tomarem medidas de exceção, restringindo as liberdades individuais fundamentais num grau também inédito em tempos de paz. Mais de um terço da humanidade está confinado. Da Itália, Espanha e Reino Unido ao Canadá, Governos de diferentes tendências políticas aprovaram mais poderes para o Estado e mais medidas de controle dos cidadãos. Em autocracias ou em países com democracias frágeis, os líderes estão utilizando a pandemia também como uma muleta para fragilizar as instituições democráticas e endurecer a vigilância e a censura ou para sufocar a oposição; tudo quase sem restrições e escudados no temor ao vírus. Medidas que, em ambos os modelos, podem permanecer quando a emergência se dissipar, alertam os defensores dos direitos humanos e das liberdades civis. (Sahuquillo, Blanco e Liy, 2020).

Em meados de março de 2020, um terço do mundo estava confinado, esse número iria aumentar nos próximos meses e depois uma grande oscilação pelos processos de abertura e fechamento com as novas ondas de contágio no mundo. A relação da democracia, os meios de comunicação e a epidemia são questionados pelo filósofo italiano Giorgio Agamben (2020) no final de fevereiro de 2020. Em seu artigo extremamente polêmico "L'invenzione di un'epidemia", Agamben questiona o comportamento desproporcional frente a epidemia construída pelo campo jornalístico e o uso do governo de um estado de exceção como um paradigma normal de governo. Continuando em sua argumentação o estado de medo e o pânico coletivo seriam criações dos governos para a limitação da liberdade imposta aos cidadãos e aceita por eles em nome de um desejo de segurança. Embora a sustentação dessa análise inicial seja mantida por Agamben, muitos autores discordam dessa posição frente a pandemia instalada e do número de mortos e contaminados no mundo.

3. O VAZIO FACILITA ATOS ILÍCITOS...

A falta de circulação de pessoas e a quarentena gerou outra semelhança entre o processo pandêmico atual e aqueles epidêmicos do final do século XIX, os roubos, furtos e associações de pessoas para atos ilícitos. A saída em massa das pessoas para outras localidades abandonando suas casas e estabelecimentos comerciais, o deslocamento de parte da população dos centros urbanos para zonas rurais ou mesmo a morte de famílias inteiras durante as epidemias dentro de suas casas propiciaram esse cenário para a contravenção, inclusive com a desarticulação da polícia, que desconhecia e estava despreparada para estes enfrentamentos. Na carta anteriormente mencionada da

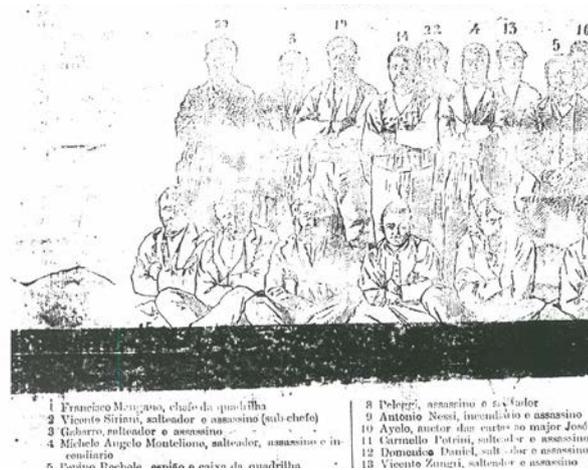
Câmara Municipal de São Carlos para o Presidente de Província de fevereiro de 1875 a narrativa sobre as consequências da epidemia de varíola.

Desse estado de coisas é consequência a nenhuma segurança individual, e o abuso já tem chegado a arrombamentos de casa, e a roubos até na própria Matris d'esta Vila.

Fraca, e sem força moral não pode a pequena força policial coibir tais abusos, se é que mais sérias reflexões não cabem a respeito. (Ósio, 1991: 108).

Muitos policiais morreram também no enfrentamento às epidemias, desarticulando as forças policiais. Em Campinas, a mesma narrativa durante a epidemia de febre amarela de 1889, algumas casas foram assaltadas, segundo Santos Filho e Novaes (1996: 176). Em Araraquara, ocorreram também saques às casas dos que haviam abandonado a cidade e fugido da febre amarela (Telarolli Júnior, 1993: 382). Em São Carlos, não poderia ser diferente, os roubos ocorreram devido ao grande esvaziamento da cidade nas epidemias de febre amarela dos anos de 1895 a 1898. Inclusive ocorreu a formação de uma quadrilha nesse período de epidemias de febre amarela, a Quadrilha Mangano, que recebeu essa denominação pelo seu líder, Francesco Mangano. A quadrilha Mangano foi um grupo de infratores, que se formou em São Carlos, pela fuga em massa das pessoas do núcleo urbano para outras zonas tidas como livres da febre amarela. Eles deixaram a cidade de sobreaviso, com ameaças, assaltos, roubos, extorsões e terrorismos de vários tipos. A quadrilha Mangano contava, no momento de sua prisão, com outros vinte italianos, uma portuguesa e dois negros libertos para suas empreitadas, depois no desenrolar do processo criminal 38 pessoas foram indiciadas⁷. Porém o delegado de São Carlos da época, Gaspar Berrance conseguiu prendê-los, com a ajuda de delação dos membros do bando. Sua atuação deixava os habitantes de sobreaviso, e cometia uma infinidade de delitos, desde simples furtos até assassinatos, incêndios, ameaças, extorsões e terrorismos de vários tipos durante os anos de 1895 e 1898, exatamente quando a febre amarela atingiu seu auge epidêmico na cidade. Em 1898, o Delegado Gaspar Berrance a capturou, e ela era composta predominantemente por italianos.

7 Ver: Monsma, Truzzi e Conceição (2003).



Fonte: *A Opinião*. São Carlos, 30 jul. 1898.

Esta foi a capa do jornal *A Opinião* noticiando a prisão das primeiras pessoas da Quadrilha Mangano. Importante ressaltar que as imagens nos jornais do final do século XIX eram extremamente raras, este foi um dos primeiros clichês⁸ dos jornais. Claro o delegado que prendeu essa quadrilha também teve seu clichê publicado dias antes no mesmo jornal⁹. Anteriormente, somente propagandas vindas de São Paulo ou Rio de Janeiro tinham figuras ou desenhos nas páginas comerciais, e alguns ilustres da elite que faziam seus clichês em São Paulo.

Em meados de 2020 com a pandemia e as medidas de isolamento e restrições de circulação em mais de 180 países, observa-se também roubos ocorrendo de forma correlata àquelas do final do século XIX. Claro que estes roubos e associações de pessoas para atos ilícitos não são particulares das epidemias, mas nestes artigos a relação deles é apresentada como fato preponderante para as ocorrências. Destacam-se duas notícias em particular, uma relacionada a operação da máfia na Itália durante a pandemia e outra do roubo de um quadro de Vincent Van Gogh em um museu fechado pela pandemia.

O jornal *El País* de um correspondente de Roma, Daniel Verdú, em 19 de abril narra como os clãs de contraventores do sul da Itália aproveitam a crise sanitária e econômica para ganhar apoio nas comunidades distribuindo comida e dinheiro, e como alguns moradores se organizam para o contraponto desse processo.

Um assassinato em Agrigento (Sicília). Um barco na Calábria com 600 quilos de coca. Um fugitivo capturado depois de uma longa fuga quando ia fazer compras usando máscara e luvas. Ninharias em comparação com o ritmo normal. Mas a principal atividade dos clãs mafiosos na Itália hoje em dia é se reposicionar, ganhar apoio e buscar novas formas de usar seu dinheiro, que retornará em abundância quando a crise sanitária acabar. Na Calábria e na Sicília, a polícia já surpreendeu mafiosos distribuindo sacolas de compras para al-

8 Clichê neste contexto é a placa de metal, geralmente de zinco, gravada fotomecanicamente em relevo, obtida por meio de estereotipia, galvanotipia ou fotogravura, destinada à impressão de imagens e textos em prensa tipográfica.

9 *A Opinião*. São Carlos, 09 jul. 1898.

guns moradores. Enquanto não chegar a ajuda anunciada pelo Governo de Giuseppe Conte, as máfias se infiltrarão no tecido social, concordam as fontes judiciais e policiais consultadas. Também são abundantes os empréstimos a empresários com a corda no pescoço que precisam de dinheiro vivo. "Agora são só facilidades", assinala um comandante dos carabinieri em Trapani. Os clãs têm liquidez. Quando a crise passar, vão cobrar a conta. (Verdú, 16 abr. 2020).

Esse é o início da narrativa de Verdú de como os clãs se organizam em várias cidades e regiões do sul da Itália, "auxiliando" as pessoas nesse momento de vulnerabilidade da pandemia já que muitas perderam suas rendas, a possibilidade de trabalho e estão em isolamento social, mas depois o apoio dado será cobrado em ações ilícitas desses grupos ou em apoio ou votos em determinados políticos ou outras formas de benefícios solicitados pelos clãs. Os clãs destacados na reportagem com atividades nessa pandemia e com tradição nesses processos foram a Ndrangheta, a Camorra e a Cosa Nostra. Algumas associações foram formadas para se contrapor e dar um outro apoio sem pedidos de contrapartida dessa população atendida assinaladas pela reportagem foram a Liberi di Volare (Livres para voar) e a Fundação San Gennaro. Mas o alerta final é que "Só o dinheiro público é a alternativa ao dinheiro mafioso", desta forma, o movimento mais eficaz e necessário é o poder público.

Outra reportagem do *El País* da cidade de Haya na Holanda Isabel Ferrer narra sobre o roubo da pintura Jardim da Primavera de Vincent Van Gogh com o museu Singer Laren fechado pela pandemia de covid-19.

Uma pintura de Vincent Van Gogh (que nasceu precisamente neste dia, 30 de março de 1853), Jardim da Primavera, Casa Paroquial de Nuenen na Primavera de 1884, foi roubada esta segunda-feira do Museu Singer, localizado na cidade de Laren, no centro da Holanda. A sala está fechada, como o resto dos centros culturais, devido ao covid-19, e é a única obra que desapareceu. Foi um empréstimo do museu Groninger, que tinha apenas este Van Gogh em sua coleção, e fazia parte de uma exposição temporária paralisada pela pandemia. (Ferrer, 30 mar. 2020).

Certamente, os roubos ou associações ilícitas de pessoas já ocorreriam antes das epidemias do século XIX e XX ou da pandemia de 2020, ou entre vários períodos históricos durante toda a humanidade, mas a ausência de circulação de pessoas pelas ruas e as dificuldades econômicas geradas pelas epidemias são fatores motivacionais para os acontecimentos analisados acima. As epidemias sempre alteram as relações sociais e econômicas das sociedades, e as consequências podem ser percebidas em diversas dimensões.

4. MÁSCARAS E MEDO...

O medo disseminado na sociedade não está somente ligado aos ilegais e ao que deles vier, mas vem do desconhecido como também da morte como abordado anteriormente. Uma das semelhanças que podemos observar é o uso de máscaras, apesar do medo

por desconhecer quem está atrás da máscara, pois a identidade não nos é prontamente revelada, o medo da infecção é maior, e nos leva ao seu uso. Muitas vezes se pode inclusive questionar o protocolo do uso correto, mas, embora o Brasil não tenha nenhuma cultura de uso de máscaras, seu uso foi estabelecido por meio de legislações municipais e estaduais em 2020, claro que o medo da morte também interferiu. Uma das primeiras notícias da necessidade das máscaras veio pelas redes sociais de uma campanha originada na República Tcheca denominada #Masks4All¹⁰ (Máscara para todos em uma tradução livre). Essa campanha preconizava o uso de máscaras para todas as pessoas, e não somente para aqueles que estavam contaminados ou trabalhando diretamente com pessoas infectadas, o que era o protocolo em meados de março de 2020 pela OMS. As máscaras não precisariam ser de uso hospitalar e poderiam ser costuradas em casa, máscaras caseiras. O *slogan* da campanha era "*I protect you and you protect me*", em uma tradução livre, eu protejo você e você me protege. Assim com este apelo altruísta, atrelado a explicação científica que muitas pessoas poderiam contrair o vírus e o disseminar sem apresentar os sintomas recorrentes da covid-19, a campanha ganhou o mundo¹¹, teve impacto inclusive na mudança de protocolos da OMS e estudos comprovaram a eficácia do uso cotidiano de máscaras caseiras no controle da disseminação do vírus. A OMS demorou muito para alterar o protocolo e a recomendação do uso de máscaras, ocorrendo somente em cinco de junho de 2020¹², quando em boa parte dos municípios do Brasil já havia legislações locais de obrigatoriedade do uso das máscaras em locais públicos. O argumento utilizado pela OMS é que as máscaras trariam a ilusão de proteção, e as pessoas relaxariam as medidas mais eficazes como o distanciamento, o isolamento social e a lavagem das mãos. Ressalta-se que após a aceitação das máscaras caseiras, elas se tornaram um veículo de comunicação, com frases de incentivo, logomarcas de empresas, de times de futebol, frases de protesto e, inclusive, com tecidos diferenciados, promovendo a diferenciação social.

Figura 2

Algumas imagens ilustrativas sobre as máscaras serão arroladas agora



Fonte: Imagens circulantes na Internet.

10 Campanha vinculada no YouTube em 27 de março de 2020. Disponível em: https://youtu.be/HhNo_IOPotU, acesso em 14 set. 2020.

11 O vídeo contava em 30 de agosto de 2020 com 5.729.511 visualizações somente no YouTube, sem contar com as visualizações e envios pelas demais redes sociais.

12 Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52254>, acesso em 14 set. 2020.

Nas epidemias de Gripe Espanhola ou Gripe de 1918 de influenza, as máscaras também foram utilizadas pelas pessoas em seu cotidiano tanto na Europa como nos Estados Unidos da América pelas fotos que dispomos. A pandemia de gripe de 1918 foi causada por uma mutação do vírus da gripe, influenza. Acredita-se que essa pandemia atingiu cerca de 500 milhões de pessoas em todo o mundo, o que seria equivalente a um terço de toda a população mundial na época. As estimativas de morte seriam em torno de 50 milhões de mortes em todo o mundo, com uma taxa de letalidade assim estimada entre 2% e 10%, a gripe sazonal que nos afeta anualmente tem uma taxa de letalidade igual, em média, a 0,1%, segundo divulgação do jornal *Corriere della Sera*¹³. As duas fotos a seguir seriam da pandemia de influenza de 1918 de pessoas na Europa, e a última seria nos Estados Unidos da América.

Figura 3

Fotos da pandemia de influenza de 1918 de pessoas na Europa e Estados Unidos da América



Fonte: Disponível em: https://www.corriere.it/foto-gallery/cronache/20_aprile_09/code-mascherine-isolamento-contro-covid-19-stesse-armi-usate-combattere-spagnola-a9783338-7a6b-11ea-880f-c93e42aa-5d4e.shtml, acesso em 14 set. 2020.



Fonte: Paris – 1918, mulheres da alta sociedade caminhando com máscara. Disponível em: <https://www.santanafm.com.br/gripe-espanhola-matou-35-mil-no-brasil-em-1918-mundo-coronavirus/>, acesso em 14 set. 2020.

A circulação das imagens das pandemias anteriores ocorreu nos veículos de comunicação e redes sociais, talvez até com uma certa intenção de assinalar que com estes procedimentos muitas pessoas superaram as enfermidades no passado, seguindo o slogan #vaipassar, muito utilizado nas redes sociais. O resgate dos meios de comunicação incluiu até as máscaras históricas de médicos durante a peste bubônica no século XVII, doença que atingiu e matou milhares de pessoas não só nesse século específico como em outros também. Alguns médicos eram contratados pelo Estado

13 Disponível em: https://www.corriere.it/foto-gallery/cronache/20_aprile_09/code-mascherine-isolamento-contro-covid-19-stesse-armi-usate-combattere-spagnola-a9783338-7a6b-11ea-880f-c93e42aa5d4e.shtml, acesso em 14 set. 2020.

para que atendessem a população pelas ruas, muitas pessoas terminavam pelas ruas em estado grave. A medicina era baseada na teoria dos miasmas, e por isso o nariz grande que acondicionava ervas, óleos e substâncias que teriam a função de purificar o ar antes da inspiração pelo médico. Eles utilizavam também roupas de couro cobrindo todo o corpo para evitar o contato e também varas para verificar os corpos abandonados pelas ruas.

Figura 4

Figura ilustrativa dos primeiros médicos que lidaram com a doença



Fonte: Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/por-que-os-medicos-que-lutavam-contra-pestes-bubonica-usavam-mascaras-de-bico-de-passaro.phtml>, acesso em 14 set. 2020.



Fonte: Sites comerciais, a sua vinculação não será realizada aqui pois o objetivo do texto não está ligado à sua comercialização.

As máscaras com nariz longo voltaram a ser comercializadas nesse momento de pandemia de 2020 em vários sites, mesmo fora de períodos de utilização para fantasias, carnaval e Halloween.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão das epidemias de varíola, febre amarela e gripe espanhola não é algo consensual e muito menos concluída para a ciência apesar dessas epidemias terem

ocorrido no Brasil há mais de 100 anos. A epidemia de covid-19 não poderia deixar de ser um desafio a sua compreensão, pois ela não é apenas um desafio sanitário, e sim um fenômeno multidimensional para todas as ciências.

A análise evidenciou que diante de uma doença desconhecida e sem cura, o isolamento e o uso de máscaras foram utilizados, seja em uma fuga da cidade para o meio rural, seja o isolamento social, que não deixa de ser uma fuga das ruas da cidade para o interior das moradias, em uma época de pouca ligação com o mundo rural. O Brasil se tornou um país com a maior parte da sua população habitando a zona urbana a partir da década de 1970.

Segundo Bassanezi (1995: 1), o Brasil é "marcado pelo grande impacto da imigração internacional do século XIX e XX - tanto pelo seu volume quanto pelo grau de modificações provocado na estrutura demográfica e socioeconômica". O primeiro caso de um brasileiro com covid-19 vindo da Itália demonstra que nossos laços e pontes com o continente europeu permanecem vivos até os dias atuais.

Contudo, olhar para o passado se torna necessário para a compreensão do futuro. A história não se repete da mesma forma, mas nos ensina a pensar com as experiências ocorridas para ter habilidades e competências para o que está por vir. Deixar de pensar e compreender o que já vivemos enquanto uma sociedade é reinventar a roda a todo o instante, ou mesmo deixar a "Roda Viva" nos atropelar e levar nosso destino, sem que estejamos direcionando nossos atos.

CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

A concepção do artigo ficou a cargo da Dra. Marili Peres Junqueira. A Dra. Maísa Faleiros da Cunha supervisionou o processo de concepção do artigo. A análise dos dados, metodologia, redação inicial e final foram realizadas por ambas as autoras do texto sempre dentro de uma construção dialógica.

CÓDIGO ORCID

Dra. Maísa Faleiros da Cunha - <http://orcid.org/0000-0002-2444-7283>

Marili Peres Junqueira - <http://orcid.org/0000-0003-1406-8113>

CONFLITO DE INTERESSES

As autoras declaram não ter nenhum conflito de interesse com relação ao presente artigo.

DISPONIBILIDADE DOS DADOS

Os dados contidos no trabalho podem ser solicitados para as autoras.

REFERÊNCIAS

- ACKERKNECHT, Erwin Heinz (1948): "Anticontagionism between 1821 and 1867", *Bulletin of the History of Medicine*, 22, pp. 562-593.
- AGAMBEN, Giorgio (2020): "*L'invenzione di un'epidemia*", https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-l-invenzione-di-un-epidemia?fbclid=IwAR29_wmGUyOt2C8nmhbgvD-qFI-EqaPyTGVIAWFpIIPAjSS-RorZqDxwymE0.
- ALMANACH de São Carlos (1894): São Carlos do Pinhal, Edictora a empresa d'O Popular.
- BASSANEZI, Maria Sílvia Casagrande Beozzo (1995): "Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico", en PATARRA, Neide Lopes (ed.), *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*, São Paulo, FNUF.
- BASSANEZI, Maria Sílvia Casagrande Beozzo e CUNHA, Maísa Faleiros (2019): "Um espaço, dois momentos epidêmicos: surtos de febre amarela (1896-1897) e de gripe (1918-1919) em Campinas, estado de São Paulo", *Revista brasileira de estudos de população*, 36, pp. 1-29, <https://rebep.org.br/revista/article/view/1328>.
- BASSETS, Marc (2020): "Um mundo em quarentena busca saídas para a crise. Tripla perturbação causada pelo coronavírus – sanitária, econômica e política – une a humanidade sob a mesma ameaça, mas a divide nas respostas", *El País*, Paris, São Paulo, 30 mar. 2020, <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-30/um-mundo-em-quarentena-busca-saidas-para-a-crise.html>.
- BAUER, Martin W. (2009): "The evolution of public understanding of science – discourse and comparative evidence", *Science, technology and society*, 14, 2, pp. 221-240.
- BOURDIEU, Pierre (1997): *Sobre a televisão: seguido de A influência do jornalismo e Os jogos olímpicos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____ (1989): *O poder simbólico*, Lisboa, Difel.
- _____ (2007): *A distinção: crítica social do julgamento*, São Paulo, EdUSP, Porto Alegre, Zouk.
- CAMARGO, José Ferraz (ed.) (1928): *Almanach Annuario de S. Carlos*, São Carlos, [s.n.].
- COSTA, Emília Viotti da (1999): *Da monarquia a república- momentos decisivos*, São Paulo, EdUNESP.

FERRER, Isabel (2020): "Roban un cuadro de Van Gogh en un museo del centro de Países Bajos", *El País*, Cultura, Haya, 30 mar. 2020, <https://elpais.com/cultura/2020-03-30/roban-un-cuadro-de-van-gogh-en-un-museo-del-centro-de-paises-bajos.html>.

LÓDOLA, Soraya e GÓIS JUNIOR, Edivaldo (2015): "Teorias sobre a propagação da febre amarela: um debate científico na imprensa paulista, 1895-1903", *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 22, 3, pp. 687-704.

MCLUHAN, Marshall (1979): *Os meios de comunicação como extensão do homem*, São Paulo, Cultrix.

MONSMA, Karl; TRUZZI, Oswaldo e CONCEIÇÃO, Silvano da (2003): "Solidariedade étnica, poder local e banditismo: uma quadrilha calabresa no oeste paulista, 1895-1898", *Revista brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 18, n. 53, out. 2003, pp. 71-97, http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092003000300005&lng=en&nrm=iso.

ÓSIO, Júlio Roberto (1991): *A saúde do capital: o processo de organização dos serviços de higiene e saúde em São Carlos - 1850-1920*, Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos.

"Primeiro caso de coronavírus no Brasil, máscaras, sintomas e outras dúvidas sobre a doença" (2020): *El País*, 26 fev. 2020, <https://brasil.elpais.com/verne/2020-02-26/primeiro-caso-no-brasil-mascaras-sintomas-e-outras-duvidas-sobre-o-coronavirus.html>.

SAHUQUILLO, María R.; BLANCO, Silvia e LIY, Macarena Vidal (2020): "Pandemia ameaça facilitar erosão da democracia em países como Hungria e Rússia. Circunstâncias excepcionais da pandemia ameaçam facilitar a prolongada erosão das liberdades e garantias em países com Estados de direito incipientes ou frágeis", *El País*, Moscou/Madri/Pequim, Brasil, 31 mar 2020, <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-31/coronavirus-poe-a-democracia-de-quarentena.html>.

SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro e NOVAES, José Nogueira (1996): *A febre amarela em Campinas 1889-1900*, Campinas, CMU/Unicamp.

SCHUELER, Paulo (2020): "O que é uma pandemia?", <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>.

TELAROLLI JÚNIOR, Rodolpho (1993): *Poder e saúde: a República, a febre amarela e a formação dos serviços sanitários no Estado de São Paulo*, Tese (Doutorado em Medicina Preventiva) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas.

UOL (2020): "Brasil passa dos 100 mil mortos por covid-19", São Paulo, 08 ago. 2020, <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/08/08/brasil-chega-a-100-mil-mortos-por-covid-19.htm>.

VERDÚ, Daniel (2020): "Assim opera a máfia que não para durante a pandemia", *El País*, Internacional, Roma, 19 abr. 2020, <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-04-19/assim-opera-a-mafia-que-nao-para-durante-a-pandemia.html>.

WESTIN, Ricardo (2020): "No Brasil Império, chegada de vírus mortal provocou negacionismo e crítica a quarentenas. Documentos históricos do Arquivo do Senado mostram que, apesar da destruição que a febre amarela produzia no final do século XIX, houve políticos que minimizaram a gravidade da epidemia", *El País*, São Paulo, 07 jun. 2020, <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-07/no-brasil-imperio-chegada-de-virus-mortal-provocou-negacionismo-e-critica-a-quarentenas.html>.